

THE LATERAL IN SYLLABLE CODA IN VARSUL: RESULTS AND POSSIBILITIES OF COMPARISON

A LATERAL EM CODA NO VARSUL: GENERALIZAÇÃO DE RESULTADOS E POSSIBILIDADES DE COMPARAÇÃO

Eneida de Goes LEAL

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO

Este trabalho trata de generalizações de resultados relacionadas à lateral em coda silábica em dados do VARSUL, com base na proposta de BAILEY e TILLERY (2004). Foi possível generalizar as variáveis dependentes de QUEDNAU (1993), TASCA (1999) e COSTA (2003) em Porto Alegre. Seguindo outro tipo de interpretação, constatou-se que há, no Rio Grande do Sul, variantes da lateral como regra telescópica. Por fim, são apresentadas dificuldades e limitações encontradas.

ABSTRACT

This paper is a study on generalization of the lateral in coda within VARSUL database. Based on BAILEY e TILLERY (2004), the dependent variables in QUEDNAU (1993), TASCA (1999) and COSTA (2003) investigated and generalized for Porto Alegre City. Following another type of interpreting generalization, it was possible to find the lateral as a telescoping rule in Rio Grande do Sul State. Finally, some difficulties and limitation were showed – which one may find in this type of task.

PALAVRAS-CHAVE

Metodologia sociolinguística. Generalização de dados. Lateral em coda. VARSUL.

KEYWORDS

Sociolinguistics methodology. Generalizing data. Lateral in coda. VARSUL.

Introdução

Um dos propósitos básicos da sociolinguística variacionista é produzir resultados que possam ser generalizados, seja no que diz respeito a uma única comunidade, seja relacionado ao comportamento de populações maiores. Assim, o sociolinguista delimita sua amostra de modo que possa ser representativa da comunidade em estudo e permita observações gerais dos aspectos dessa fala. Outro passo a ser dado é buscar generalizações em populações maiores, o que parece ser possível de se fazer atualmente no Brasil, devido à grande quantidade de trabalhos sociolinguísticos produzidos.

Este estudo diz respeito à variação da lateral em coda, que pode manifestar-se como velar [t̪], glide [w] ou alveolar [l̪], a exemplo de me[t̪] ~ me[w] ~ me[l̪] (para o português brasileiro, cf. LOPEZ 1979; QUEDNAU 1993, 1994, 1997; DAL MAGO 1998; ESPIGA 1997, 2001, 2002a, 2002b; TASCA 1999, 2000; CRISTÓFARO-SILVA e OLIVEIRA 2001; CALLOU, LEITE e MORAES 2002; HORA 2006; LEITE, CALLOU e MORAES 2003, 2007; COLLISCHONN e COSTA 2005; COSTA 2003, 2004, 2007; HAHN e QUEDNAU 2007; COLLISCHONN 2008; NEDEL 2009; COLLISCHONN e QUEDNAU 2008, 2009; e PINHO e MARGOTTI 2010). Atualmente, a realização mais expressiva no Brasil é a vocalização (ver LOPEZ 1979; CRISTÓFARO-SILVA e OLIVEIRA 2001; CALLOU, LEITE e MORAES 2002; HORA 2006; LEITE, CALLOU e MORAES 2003, 2007; PINHO e MARGOTTI 2010, dentre outros), mas, no sul do país, ainda podem ser encontradas as três variantes como regra telescópica da lateral (cf. ESPIGA 1997, 2001, 2002a, 2002b). Segundo TRASK (1996:351-352), essa regra é um tipo complexo de mudança linguística

em que, diacronicamente, há perda de alguns estágios intermediários, deixando para trás um conjunto de alternâncias. Isso significa que, em algum momento da história, cada uma das variantes citadas pode ter ocupado um lugar significativo.

Neste artigo, busca-se generalizar resultados sobre a lateral em coda em diferentes trabalhos do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), com fundamentação em BAILEY e TILLERY (2004). De acordo com esses autores, a generalização só pode ser feita entre trabalhos que tenham semelhanças metodológicas e analíticas, o que permite:

- (i) regularidade (*reliability*): pesquisas sobre um mesmo fenômeno devem produzir os mesmos resultados; e
- (ii) intersubjetividade (*intersubjectivity*): diferentes pesquisadores que estudem um mesmo fenômeno devem obter os mesmos resultados.

De acordo com essa proposta, metodologias diversificadas podem produzir trabalhos com resultados diferentes, como exemplificam BAILEY e TILLERY (2004:12-13) e RICKFORD et al. (1991:105-107), ambos os trabalhos sobre falta de regularidade e intersubjetividade como efeito de diferenças metodológicas/analíticas no inglês afro-americano (African-American Vernacular English – AAVE). Além de regularidade e intersubjetividade, os autores explicam que pesquisas só podem ser generalizadas se contiverem semelhanças:

- (A) *na constituição das amostras*: banco de dados, época das coletas, como foram coletados os dados, a procedência dos informantes, como são as comunidades estudadas, quais grupos de fatores externos foram utilizados para a estratificação dos informantes; e

- (B) *nas estratégias analíticas* estabelecidas pelos pesquisadores: levantamento de dados, configurações das variáveis (dependentes e independentes), fatores amalgamados, cruzamentos etc.

Assim, a partir de trabalhos com semelhanças nas amostras e nas estratégias de análises, é possível comparar e generalizar resultados.

O presente artigo está estruturado do seguinte modo: na seção 1, estão as pesquisas sobre laterais no VARSUL; em 2, a apresentação dos trabalhos a serem analisados; na seção 3, as generalizações possíveis; na seção 4, as dificuldades e limitações encontradas que impediram generalizações; por fim, nas duas últimas seções, estão as considerações finais e as referências bibliográficas.

1. A lateral no VARSUL

Como visto anteriormente, BAILEY e TILLERY (2004:12-13) apontam características metodológicas indispensáveis para se realizarem generalizações. Com relação à constituição das amostras, os dados são do VARSUL, um Banco formado por entrevistas sociolinguísticas (conversas informais com vistas ao vernáculo),¹ de amostras aleatórias e que contém dois acervos: a amostra básica e a complementar.

Os temas das pesquisas que abordam as laterais no VARSUL são variados, como aquisição de primeira língua (ABS DA CRUZ 2009) e de segunda língua (HAHN 2010, SOUZA 2010); diacronia (HAHN 2008); e a relação entre ressilabação/prosódia (COLLISCHONN e COSTA 2005, COLLISCHONN 2008). Os trabalhos na Tabela 1 a seguir tratam especificamente de variação da lateral:

¹ De acordo com LABOV (1972: 208), o vernáculo é “(...) the style in which the minimum attention is given to the monitoring of speech”, e o principal propósito do pesquisador é “(...) to observe the way people use language when they are not being observed. (...) the structure that exists independently of the analyst.” (LABOV 1972: 61-2).

TABELA 1: Produções do VARSUL sobre a lateral em coda

Autor/ Ano	Coleta	Cidades	Grupo Étnico	Est.
1. QUEDNAU (1993)	1977	Porto Alegre Taquara M. Bérico S. Livramento	metrop. alemão italiano front. Ur.	RS
2. DAL MAGO (1998)	1988-1996	12 cidades do VARSUL		
3. TASCA (1999)	1988-1996	Porto Alegre Panambi São Borja Flores da Cunha	metrop. alemão front.Arg. italiano	RS
4. COSTA (2003)	1999 (?)	Porto Alegre	metrop.	RS
5. HAHN e QUEDNAU (2007)	1988-1996 (?)	Londrina	mineiro/ paulista	PR
6,7. COLLISCHONN e QUEDNAU (2008, 2009)*	a. 1977	a. Resultados de QUEDNAU (1993)		RS
	b. 1988- 1996	b. Pato Branco Iratí Londrina Curitiba Lages	gaúcho eslavo mineiro/ paulista português gaúcho	PR
	c. 1997-1998	c. São José do Norte	açoriano	SC
	1988-1996	Lages	gaúcho	SC
8. NEDEL (2009)				

* COLLISCHONN e QUEDNAU (2008, 2009) são dois trabalhos em que as mesmas cidades foram pesquisadas. A diferença é que, na pesquisa de 2008, as autoras apresentam grupos de fatores linguísticos e, em 2009, estão também os sociais.

Os pontos de interrogação (?) na Tabela 1 indicam datas prováveis das coletas, pois as autoras não deixam claro o ano exato. Os dados de COSTA (2003) foram coletados, provavelmente, em 1999, porque nesse ano há uma amostra complementar do VARSUL com porto-alegrenses universitários. Quanto à pesquisa de HAHN e QUEDNAU (2007), uma das cidades da coleta básica do VARSUL é Londrina, realizada entre 1988 e 1994, período em que parece se inserir essa cidade.

Há oito pesquisas no VARSUL sobre a variação da lateral em coda, como se observa na Tabela 1. O primeiro trabalho realizado é QUEDNAU (1993), cujos dados foram coletados em 1977 por BISOL (1981), e fazem parte da amostra complementar do VARSUL. O trabalho (2), DAL MAGO (1998), analisa a lateral em todas as cidades da amostra básica do Banco, dos três estados. No entanto, essa pesquisa não pôde entrar no estudo comparativo porque, nessa análise, os resultados não estão apresentados em termos de porcentagens, mas somente de pesos relativos. Quanto à terceira pesquisa, TASCA (1999) analisa dados da amostra básica do VARSUL e, apesar de as cidades serem diferentes de QUEDNAU (1993), uma possível comparação está relacionada aos Grupos Étnicos, pois ambas as autoras trabalham com metropolitanos, alemães, italianos e fronteiriços. COSTA (2003) estuda uma amostra complementar da capital gaúcha e, aparentemente, pode ser comparada aos metropolitanos de QUEDNAU (1993) e TASCA (1999).

As pesquisas (5), (6), (7) e (8) não permitem generalizações com as precedentes, porque as amostras analisadas foram organizadas diferentemente.

Assim, este trabalho limitou-se aos estudos (1), (3) e (4), comparando-se QUEDNAU (1993), TASCA (1999) e COSTA (2003) na linha de BAILEY e TILLERY (2004), e, mais adiante (cf. seção 3), os trabalhos foram comparados de modo menos restrito.

2. Apresentação dos dados

Seguindo a proposta de BAILEY e TILLERY (2004), os trabalhos de QUEDNAU (1993, 1994, 1997), TASCA (1999, 2000) e COSTA (2003, 2004, 2007)² foram examinados quanto a possibilidades de generalização. Na Tabela 2, estão as características dessas três pesquisas.

TABELA 2: Características de QUEDNAU (1993), TASCA (1999) e COSTA (2003)

Autor/Ano	Variável Dep.	Cidades	Grupo Étnico
QUEDNAU (1993)	[w] x [H]	Porto Alegre Taquara M. Bérico S. Livramento	Metrop. Alemã Italiana Front.(Ur.)
TASCA (1999)	[H] x [w]	Porto Alegre	Metrop.
	[l] x [H]	Panambi F. Cunha São Borja	Alemã Italiana Front.(Arg.)
COSTA (2003)	[w] x [H]	Porto Alegre	Metrop.

QUEDNAU (1993:30) e TASCA (1999:14) afirmam que os informantes nas cidades de colonizações alemã, italiana e fronteiriça são bilíngues; com relação aos da capital, são monolíngues.

As três autoras interpretaram os resultados da análise multidimensional (os pesos relativos) em termos de ordem de prioridade de grupos de fatores, no sentido de maior relevância para o menor. Neste texto, desprezam-se os pesos relativos para ficar somente com as porcentagens, interpretadas em termos de favorecimento, desfavorecimento ou neutralidade.

² QUEDNAU (1994, 1997) e COSTA (2004, 2007) são trabalhos que resultaram das dissertações das autoras, assim como TASCA (2000) é um artigo sobre a tese de 1999.

As generalizações nas pesquisas apresentadas na Tabela 2 podem ser feitas com base na semelhança das etnias: a primeira possibilidade é comparar os resultados referentes aos metropolitanos (Porto Alegre), e a segunda está relacionada aos resultados referentes aos alemães, italianos e fronteiriços – do interior gaúcho.

Para Porto Alegre, observa-se que as variáveis dependentes são iguais em dois trabalhos: QUEDNAU (1993) e COSTA (2003) trabalharam com a Vocalização da Lateral, com duas variantes [w] vs. [h]; quanto ao trabalho de TASCA (1999), a variável dependente é a Preservação da Lateral, com as variantes [h] vs. [w]. Vale observar que os fatores das variáveis dependentes são os mesmos – [w] vs. [h] e [h] vs. [w] – e a única diferença está relacionada ao fator de aplicação de aplicação da variável dependente (apresentado em negrito na Tabela 2): [w] em QUEDNAU (1993) e COSTA (2003), e [h] em TASCA (1999). Assim, no que diz respeito à variável dependente da capital gaúcha, é possível comparar os resultados das análises unidimensionais (as porcentagens), embora haja a pequena diferença mencionada.

Quanto às cidades do interior do Rio Grande do Sul estudadas por QUEDNAU (1993) e TASCA (1999), observa-se, na Tabela 2, que não são as mesmas, mas o que parece plausível é comparar os dois trabalhos com base no Grupo Étnico: generalizar os resultados de Taquara e de Panambi, cidades de ascendência alemã; Monte Bérico e Flores da Cunha, de colonização italiana; Santana do Livramento e São Borja, cidades que estão em regiões fronteiriças (Uruguai e Argentina, respectivamente). Entretanto, as autoras trabalharam com variáveis dependentes diferentes: [w] vs. [h], em QUEDNAU (1993), e [l] vs. [h], em TASCA (1999). Diante disso, a generalização nos termos de BAILEY e TILLERY (2004) não foi possível (cf. detalhamento das limitações na seção 4).

As características dos trabalhos apresentados na Tabela 2, relacionadas a possibilidades de generalização em QUEDNAU (1993), TASCA (1999) e COSTA (2003), apontam que:

- (i) há possibilidade de generalização das variáveis dependentes de Porto Alegre; e
- (ii) não há possibilidade nos dados do interior, já que as variáveis dependentes são diferentes.

As possibilidades de comparação para a capital gaúcha, de acordo com a proposta de BAILEY e TILLERY (2004), são analisadas na próxima subseção.

3. Em busca de generalizações possíveis

A fim de comparar os trabalhos sobre a lateral em Porto Alegre estão, na sequência, as ocorrências, frequências e tendências (indicadas pelas setas) dos três trabalhos:

TABELA 3: Resultados de Porto Alegre em QUEDNAU (1993), TASCA (1999) e COSTA (2003)

Autor/Ano	Coleta	Ocorrências			%		Tend.	
		w	ł	N	w	ł	w	ł
QUEDNAU (1993)	1977	652	63	715	91	9	↑	↓
TASCA (1999)	1990-1995	1109	1328	2437	46	54	↔	↔
COSTA (2003)	1999	1580	173	1753	90	10	↑	↓

É importante observar não só os números que representam as ocorrências e porcentagens das variantes, mas também as tendências, indicadas pela direção das setas.

Ao comparar os resultados de QUEDNAU (1993) e COSTA (2003), observa-se consistência através dos anos na aplicação de vocalização na capital gaúcha: em 1977 (QUEDNAU 1993), a variante já era favorecida; vinte e dois anos depois, os dados de 1999 continuam a apontar o

favorecimento de vocalização, como se vê nos resultados de COSTA (2003). Em outras palavras, num intervalo de um pouco mais de 20 anos, os trabalhos apresentam *regularidade* e *intersubjetividade*, pois os dois estudos dizem respeito a um mesmo processo fonológico, na mesma comunidade e obtiveram os mesmos resultados. O que se pode concluir, com base nos resultados de QUEDNAU (1993) e COSTA (2003), é que não houve mudança na realização de /l/ em coda em Porto Alegre, nos anos de 1977 e 1999.

Por outro lado, os dados de TASCA (1999) sugerem que a vocalização em Porto Alegre é neutra na década de 90 (como indicam as setas ↔ na Tabela 3).

Assim, o panorama da lateral através dos anos se dá do seguinte modo: [w] é favorecido em 1977, deixa de sê-lo entre os anos 1990 e 1995, e volta a ser favorecido em 1999. Pode-se dizer que a vocalização é *categórica* na década de 70 (QUEDNAU 1993), passa a *não categórica* entre 1990-1995 (TASCA 1999), e volta a ser *categórica* em 1999 (COSTA 2003).

Neste ponto, destaca-se o estudo de CALLOU, LEITE e MORAES (2002), uma amostra do NURC da década de 70, que coincidentemente confirma a estabilidade referida por TASCA (1999) – os resultados apresentados por CALLOU, LEITE e MORAES (2002:540) foram publicados também em LEITE, CALLOU e MORAES (2003:235) e LEITE, CALLOU e MORAES (2007:424). Todavia, é preciso salientar que não é possível uma generalização em Porto Alegre com essa pesquisa do NURC, uma vez que as amostras e as estratégias analíticas são diferentes. Os dados de CALLOU, LEITE e MORAES (2002) estão apresentados a seguir.

TABELA 4: Vocalização em 5 capitais brasileiras na década de 70 em
CALLOU, LEITE e MORAES (2002:540)

Vocalização	medial				final			
	[w]	N	%	Tend.	[w]	N	%	Tend.
RJ	249	278	90		209	226	92	
SP	250	290	86		237	242	98	
RE	226	253	89		313	323	97	
SSA	207	288	72		240	265	91	
POA	116	215	54	↔	138	255	54	↔

Na Tabela 4, observa-se que os autores encontraram neutralidade de vocalização, com 54% em coda medial e 54% em coda final, nos dados de Porto Alegre na década de 70. Esses resultados se assemelham aos de TASCA (1999), no sentido de que, em ambos, a vocalização é *não categórica* (cf. Tabela 3).

Como será visto a seguir, comparada a BAILEY e TILLERY (2004), a generalização de TASCA (2002) não é tão restrita, e é possível comparar os dados de Porto Alegre e do interior.

Na próxima subseção, está uma comparação em termos mais amplos com o mesmo objetivo.

3.1 Análise alternativa dos dados

TASCA (2002) compara em sua análise três amostras: duas do VARSUL, de QUEDNAU (1993) e TASCA (1999), e outra do BDS (Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense), de ESPIGA (2001). Segundo a autora, em Taquara, Panambi (cidades de etnia alemã), Monte Bérico e Flores da Cunha (italianas), o percurso da lateral está passando da 1^a para a 2^a etapa, isto é, [l] > [ʃ]. Apesar do favorecimento da alveolar, essa variante e a

velar estão próximas. No Chuí, o aspecto da lateral é parecido com o de Taquara, Panambi, Monte Bérico e Flores da Cunha: [l] é preservado, mas há indícios da 2^a etapa [h], o que a autora toma como sinal do contato do português com o espanhol do Uruguai, dois países que são adjacentes. Em São Borja, há também [l] em variação com [h], desta vez com favorecimento de [h]. Segundo TASCA (2002:293), isso acontece em razão de a fronteira com a Argentina não ser adjacente ao Brasil, ocasionando a influência da cultura portuguesa. Em Santa Vitória do Palmar, há uma particularidade, pois surge uma nova etapa da lateral, totalizando as três etapas, [l] > [h] > [l^w], com favorecimento da última variante. Essa região também é de fronteira, mas não está tão próxima ao Brasil quanto o Chuí. Finalmente, em Porto Alegre, a vocalização [w] é favorecida, variante que constitui a última etapa da regra telescópica da lateral [l] > [h] > [l^w] > [w]. Assim, as variantes alveolar [l] e a velar [h] coexistem no Rio Grande do Sul; especificamente para os Campos Neutrais,³ há também a variante velarizada-labializada [l^w]. Para Porto Alegre, cidade de colonização açoriana, a predominância é a vocalização, e um dos motivos para o favorecimento de [w] é o pouco contato dos falantes porto-alegrenses com línguas europeias, segundo TASCA (2002:296).

Esta subseção apresenta uma comparação similar à de Tasca (2002), tanto para Porto Alegre quanto para o interior.

Relativamente ao interior, na Tabela 5, estão os resultados das variantes de QUEDNAU (1993) e de TASCA (1999).

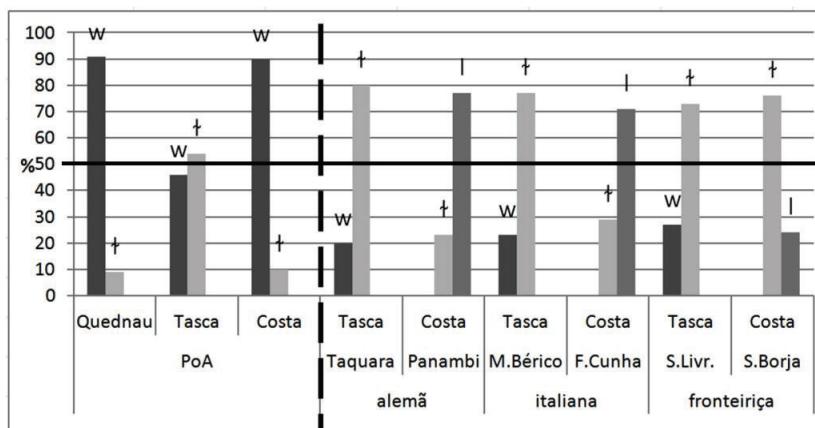
³ ESPIGA (2002: 51) explica que o Tratado de Santo Ildefonso (1777) estabelecia uma área que seria neutra entre Portugal e Espanha, denominada Campos Neutrais, correspondente às cidades de Santa Vitória do Palmar e Chuí. Em 1803, essa área passa definitivamente para o domínio português.

TABELA 5: Resultados do interior em QUEDNAU (1993) e TASCA (1999)

Autor/ Ano	GE	Cid	apl.			%			tend.			
			w	‡	1	N	w	‡	1	w	‡	1
Q (1993)	Al	Taq	73	290	-	363	20	80	-	↓	↑	-
	It	MB	149	492	-	641	23	77	-	↓	↑	-
	Fr Ur	SL	142	383	-	525	27	73	-	↓	↑	-
T (1999)	Al	Pan	-	564	1905	2469	-	23	77	-	↓	↑
	It	FC	-	669	1605	2274	-	29	71	-	↓	↑
	Fr Arg	SB	-	1738	548	2286	-	76	24	-	↑	↓

A fim de facilitar a discussão a seguir e a visualização dos dados já apresentados na Tabela 3 e na Tabela 5, apresentam-se as porcentagens de todas as variantes de QUEDNAU (1993), TASCA (1999) e COSTA (2003) em forma de gráfico, em que a linha pontilhada separa os resultados de Porto Alegre (lado esquerdo) do interior (lado direito).

Gráfico 1. Resultados de Porto Alegre e do interior em QUEDNAU (1993), TASCA (1999) e COSTA (2003)



Com relação à vocalização no Rio Grande do Sul, nota-se, no Gráfico 1, que essa variante é favorecida somente na capital (QUEDNAU 1993 e COSTA 2003). Todavia, nos resultados de TASCA (1999) para Porto Alegre, observa-se que a vocalização e a velar têm porcentagens próximas, interpretadas, no presente artigo, como valores neutros, como foi visto na seção 3. A tendência no interior, nas cidades de Taquara, S. Livramento, Monte Bérico (QUEDNAU 1993) e São Borja (TASCA 1999), é o favorecimento da variante velar [ɿ]; quanto à lateral [l], essa é a produção preferida em Panambi e Flores da Cunha (TASCA 1999).

De acordo com as disposições, em termos de favorecimento, das variantes apresentadas no Gráfico 1, é possível identificar a lateral como regra telescópica no Rio Grande do Sul, com seus três estágios [l] > [ɿ] > [w], apontada por QUEDNAU (1993:88-89), TASCA (1999:66, 83; 2002) e ESPIGA (2002a: 54).

Outra constatação quanto à complementaridade diz respeito ao Grupo Étnico. Na literatura do VARSUL, o Grupo Étnico é o que mais fortemente influencia as variações, tanto em pesquisas sobre a lateral (ver QUEDNAU 1993; TASCA 1999; COSTA 2003; HAHN e QUEDNAU 2007; COLLISCHONN e QUEDNAU 2008, 2009; NEDEL 2009), quanto em outros processos fonológicos (como a harmonia vocálica, cf. BISOL 1981; redução da vogal postônica, em SCHMITT 1987; a vibrante, de acordo com MONARETTO 1992, 1997; a redução de ditongos nasais em GONZALEZ, TOLEDO, SCHWINDT e SILVA 2006; e uso de preposições em Santa Catarina, no estudo de WIEDEMER 2010).

Examinando os resultados de Grupo Étnico nas pesquisas de QUEDNAU (1993) e TASCA (1999), nota-se que há favorecimento de [ɿ] em Taquara (QUEDNAU) e de [l] em Panambi (TASCA). Ambas as cidades são de etnia alemã, e a expectativa seria de que as tendências fossem iguais. Da mesma forma, uma hipótese que poderia ser levantada é a de que as variantes favorecidas nas comunidades de ascendência italiana

seriam iguais, mas [l] é favorecido em Flores da Cunha (TASCA), e [f] em Monte Bérico (QUEDNAU). Finalmente, nas cidades fronteiriças, há favorecimento de [t] em ambas, e são cidades que estão geograficamente distantes, fazendo fronteira com países diferentes: São Borja, com a Argentina, e S. Livramento, com o Uruguai. Esses dois últimos casos são resultados esperados, pois há influência da língua espanhola no português dessas regiões, segundo TASCA (2002:285). Assim, no exame de cada comunidade estudada por QUEDNAU (1993) e TASCA (1999), observa-se que o favorecimento das variantes não está somente relacionado com etnias, mas com feições da própria comunidade, o que veio a ser denominado Grupo Geográfico.

Este é o primeiro trabalho em que, com base na generalização de dados, foi verificada uma influência do Grupo Geográfico em pesquisas do VARSUL, o que sugere que essa variável tem um papel importante na aplicação de regras variáveis.

Na próxima seção, apresentam-se limitações encontradas no presente trabalho que dificultaram e até mesmo impediram generalizações.

4. Limitações encontradas ao generalizar dados

Dos oito trabalhos apresentados na seção 1, produzidos desde 1993 sobre a variação da lateral no VARSUL, houve possibilidades de generalização em apenas três deles (QUEDNAU 1993, TASCA 1999 e COSTA 2003). Esse fato é uma indicação da dificuldade de se generalizar dados, como apontam e exemplificam BAILEY e TILLERY (2004:12-13) e RICKFORD et al. (1991:105-107).

Outra limitação diz respeito a cruzamentos de grupos de fatores, uma estratégia analítica fundamental para tornar os resultados mais confiáveis e precisos, o que, por sua vez, pode tornar difícil extrair generalizações. COSTA (2003) efetuou diversos cruzamentos, e as chances de dois pesquisadores fazerem os mesmos cruzamentos é,

pode-se dizer, quase inexistente. Então, supõe-se que dificuldades na generalização de resultados não são apenas falta de rigor metodológico, como afirmam BAILEY e TILLERY (2004:11), mas também podem estar relacionadas a diferentes estratégias (metodológicas ou analíticas) empregadas nos trabalhos. Desse modo, a própria metodologia do estudo sociolinguístico pode dificultar generalizações: de um lado, fazer cruzamentos é aprimorar os resultados sociolinguísticos e, de outro, acarreta impossibilidades de generalizações.

Observe a Tabela 6 a seguir, em que estão resumidas as características dos três trabalhos e seus resultados de aplicação de vocalização [w].

TABELA 6: Características de QUEDNAU (1993), TASCA (1999) e COSTA (2003) e os resultados de vocalização em Porto Alegre

Autor/Ano	Coleta	Faixa Etária	Esc.	Sexo	[w]
QUEDNAU (1993)	1977	20-40 41-55	4	Masc. Fem.	categórico
TASCA (1999)	1990-1995	-50 +50	4 8 11	Masc. Fem.	não categórico
COSTA (2003)	1999	20-30 30-60 60-75	15	Masc. Fem.	categórico

Como se pode observar na Tabela 6, a configuração para a variável Sexo é igual nos três trabalhos, mas as estruturas dos outros grupos de fatores são diferentes.

Ao analisar os resultados de vocalização *categórica/não categórica*, relacionando-os às características dos três trabalhos, observa-se, na Tabela 6, que a variável Faixa Etária em QUEDNAU (1993) e COSTA (2003) – ambos com [w] *categórico* – parecem próximas: os informantes mais jovens têm 20 anos nas duas pesquisas, e os mais

velhos divergem em 20 anos (na primeira pesquisa, a idade máxima é 55 anos e, na segunda, é 75 anos). Os informantes de TASCA (1999) foram distribuídos em duas faixas (menos de 50 e mais de 50 anos); uma vez que esse trabalho faz parte da amostra básica do VARSUL, a idade mínima é 25 anos. Assim, a Faixa Etária e o resultado *não categórico* para vocalização são diferentes nessa pesquisa, se comparados às outras duas. No que concerne à Escolaridade, QUEDNAU (1993) e COSTA (2003) têm uma grande diferença: a primeira autora trabalhou com falantes que estudaram até 4 anos, e a segunda, com universitários. Na configuração de Escolaridade na pesquisa de TASCA (1999), os falantes estudaram de 4 a 11 anos. Assim, essa variável é divergente nos três trabalhos. Com relação à variável Sexo, a configuração é a mesma nos três. Esse grupo de fatores não foi selecionado no trabalho de COSTA (2003), mas o foi nas pesquisas de QUEDNAU (1993) e TASCA (1999). No entanto, essas autoras trabalharam com configurações diferentes nas rodadas: QUEDNAU (1993) rodou as quatro cidades simultaneamente (e não há como separar esses dados); TASCA (1999) dividiu Porto Alegre e interior em duas rodadas, o que impossibilitou que a variável independente Sexo fosse generalizada.

Por conseguinte, de acordo com as características metodológicas de constituição dos grupos de fatores externos na estratificação dos informantes, não foi possível fazer generalizações das variáveis extralingüísticas nas pesquisas sobre Porto Alegre seguindo-se a proposta de BAILEY e TILLERY (2004). No entanto, foi possível uma generalização menos rígida, com base na complementaridade de fatores (cf. seção 3.1).

Finalmente, outro problema está relacionado à generalização de dados entre dialetos diferentes: como comparar resultados que não têm regularidade e intersubjetividade? Qual seria o modo para generalizar gramáticas diferentes? Em última instância, como se poderia fazer uma generalização que mapeasse os dialetos brasileiros?

Como apontam BAILEY e TILLERY (2004:27-28), não há uma literatura na sociolinguística que explore estratégias e métodos de trabalho, efeitos de resultados, procedimentos de amostragem e estratégias de análise e de elicitação de dados, o que torna complexa a tarefa de generalizar resultados. Com relação ao Brasil, FREITAG, MARTINS e TAVARES (2012:918) afirmam:

A cada projeto que constitui seu banco de dados em uma comunidade de fala, o mapeamento das variedades do português no Brasil vai se efetivando, mas só a padronização dos procedimentos metodológicos permitirá a realização de estudos contrastivos entre as variedades, para, então, possibilitar uma descrição mais acurada do português brasileiro.

Até o momento, a conclusão a que se pode chegar é que há muitas dificuldades na tarefa de generalização de dados, como exemplificam BAILEY e TILLERY (2004) e RICKFORD et al. (1991). Provavelmente, generalizações possíveis seriam entre trabalhos feitos especificamente para serem generalizados entre si, em que as configurações dos grupos de fatores extralingüísticos e linguísticos, estratégias analíticas e metodológicas fossem iguais.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi buscar generalizações referentes à lateral em coda nos trabalhos produzidos pelo VARSUL.

Seguindo-se a proposta de BAILEY e TILLERY (2004), foi possível chegar a generalizações das variáveis dependentes em Porto Alegre, isto é, quanto às formas de manifestação da lateral.

No que diz respeito às cidades do interior, nenhuma generalização foi possível na perspectiva de BAILEY e TILLERY (2004), devido a estratégias metodológicas diferentes: QUEDNAU (1993) trabalhou com as variantes [w] e [ɿ], e TASCA (1999) com [ɿ] e [l]. Foi diferente também o modo de computar as variáveis: QUEDNAU (1993) combinou, numa única rodada, os dados tanto da capital gaúcha quanto do interior, enquanto TASCA (1999) separou Porto Alegre das outras cidades.

Numa alternativa de interpretação menos restrita, foi possível apontar a variável preponderante em cada uma das localidades e verificar a lateral como regra telescópica que reflete os estágios $l > \ell > w$ de sua evolução. Resumidamente, no que diz respeito a variáveis dependentes, há favorecimento das seguintes variantes no Rio Grande do Sul:

- (i) [l] em Panambi e Flores da Cunha (TASCA 1999);
- (ii) [ɿ] em Taquara, S. Livramento e Monte Bérico (QUEDNAU 1993), São Borja e Porto Alegre (TASCA 1999); e
- (iii) [w] em Porto Alegre (QUEDNAU 1993 e COSTA 2003).

Os resultados de QUEDNAU (1993), TASCA (1999) e COSTA (2003) se complementam e sinalizam que o grupo de fatores designado como Grupo Étnico pode ser interpretado como Grupo Geográfico: há preservação de [l] em Panambi e em Flores da Cunha, cidades situadas em pontos geograficamente distanciados, que tiveram colonizações distintas (alemã e italiana, respectivamente); a variante [ɿ] é favorecida em Taquara, Monte Bérico, São Borja e S. Livramento, e as etnias nessas cidades são, respectivamente, alemã, italiana, e as duas últimas, fronteiriças. Portanto, parece que há uma regularidade geográfica de realização da lateral.

Em suma, em termos de complementaridade de resultados, foi possível verificar que as três variantes da lateral estão presentes na fala do Rio Grande do Sul, como uma regra telescópica de sua evolução através dos tempos.

Referências

- ABS DA CRUZ, G.F. **O processo de semivocalização de líquidas laterais em posição pré-vocálica: uma revisão teórica.** Letrônica 2 (2): 48-57, 2009.
- BAILEY, G.; TILLERY, J. **Some sources of divergent data in Sociolinguistics.** In: C. FOUGHT (ed.): Sociolinguistic variation: Critical reflections. New York: Oxford University Press, p. 11-30, 2004.
- BISOL, L. **Harmonização vocálica:** uma regra variável. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- CALLOUD; LEITE, Y.; MORAES, J. **Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil.** In: ABAURRE, M. B; RODRIGUES, A. (Orgs.) Gramática do português falado VIII: novos estudos descritivos. Campinas, UNICAMP/FAPESP. p. 537-555, 2002,
- COLLISCHONN, G. **Variable aspects of Brazilian Portuguese phonology:** the laterals in coda. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (org.). Contemporary Phonology in Brazil. Newcastle: Cambridge, p. 177-190, 2008,
- COLLISCHONN, G.; COSTA, C. F. **Ressilabação da lateral pós-vocálica final e sua limitação prosódica.** Letras de Hoje, Volume 40, nº 3, setembro de 2005, PUCRS.
- COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. **Variantes da lateral pós-vocálica na região Sul.** In: VIII Encontro do CELSUL, 2008, Porto Alegre-RS. Anais do 8º Encontro do CELSUL. Pelotas-RS: EDUCAT, 2008.
- _____. **As laterais variáveis da Região Sul.** In: Leda Bisol; Gisela Collischonn. (Org.). Português do sul do Brasil: variação fonológica. 1^a ed. Porto Alegre, 2009, p. 154-176.

COSTA, C. F. **Fonologia Lexical e controvérsia neogramática:** análise das regras de vocalização de /l/ e monotongação de /ow/ no PB. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

_____. **A vocalização da lateral pós-vocálica como fenômeno neogramático do nível pós-lexical.** Organon, Porto Alegre, v.18 n. 36, 2004, p. 83-91.

_____. **Análise variacionista da vocalização de /l/ em Porto Alegre.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

CRISTÓFARO-SILVA, T.; OLIVEIRA, M.A. **Lateral Vocalization in Brazilian Portuguese.** Paper presented at the 3rd UKLVC, University of York, England, 2001.

DAL MAGO, D. **O comportamento do /l/ pós-vocálico no Sul do país.** Working Papers in Linguistics. Florianópolis, v. 2, p. 31-44, 1998.

ESPIGA, J.W.R. **Influência do Espanhol na variação da lateral posvocálica do Português da fronteira.** Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Pelotas, UCPEL, 1997.

_____. **O português dos campos neutrais:** um estudo sociolinguístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, 2001.

_____. **A lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrals:** estudo sociolinguístico da regra telescópica nos dialetos de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 37, n.1, p. 49-68, 2002a.

_____. **Como se combinam a mudança e o contato linguístico:** a regra telescópica da lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrals. In: Vandresen, Paulino. (Org.). Variação e mudança linguística na região sul do Brasil. 1ed. Pelotas, RS: Educat, v. 1, p. 69-94, 2002b.

FREITAG, R.M.K.; MARTINS, M.A.; TAVARES, M.A. **Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda:** potencialidades e limitações. Alfa, n. 56, v. 6, 917-944, 2012.

GONZALEZ, C.A.; TOLEDO, E.E.; SCHWINDT, L.C.; SILVA, T.B. **Redução da nasalidade em ditongos no português falado no sul do Brasil.** In: VII CELSUL - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2006, Pelotas. Anais do VII CELSUL, 2006.

HAHN, L.H. **A lateral sob uma perspectiva diacrônica.** In: VIII Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 2008, Porto Alegre-RS. Pelotas-RS: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2008. v. 8.

_____. **A vocalização de /l/ em coda na aquisição de inglês como língua estrangeira por falantes do português brasileiro.** Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

HAHN, L.; QUEDNAU, L.R. **A lateral pós-vocálica no português de Londrina:** análise variação e estrutura silábica. *Letras de Hoje*, v. 42, p. 100-113, 2007.

HORA, D. **Vocalização da lateral /l/:** correlação entre restrições sociais e estruturais. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 2006.

LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. **Processos em curso no português do Brasil:** a ditongação. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Universitária, 2003. p. 232-250.

_____. **O /l/ em posição de coda silábica:** confrontando variedades. XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: APL, p. 423-430, 2007.

LOPEZ, B. S. **The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect).** Los Angeles: University of California, 1979.

MONARETTO, V.N.O. **A vibrante:** representação e análise sociolinguística. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do RGS, Porto Alegre, 1992.

_____. **Um reestudo da vibrante:** análise variacionista e fonológica. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do RGS. Porto Alegre, 1997.

NEDEL, E. **A lateral pós-vocálica em Lages/SC:** Análise variacionista. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

PINHO, A.J.; MARGOTTI, F.W. **A variação da lateral posvocálica /l/ no português do Brasil.** Working Papers em Linguística, n.2, Florianópolis, p.67-88, 2010.

QUEDNAU, L. **A lateral pós vocálica no português gaúcho:** análise variacionista e representação não linear. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.

_____. **A vocalização variável da lateral.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 29, n.4, 1994, p. 143-151.

_____. **Um estudo variacionista da lateral pós-vocálica.** Graphos – Revista da Pós Graduação em Letras/UFPB, João Pessoa, v. 2, n.1, 1997, p. 67-75.

RICKFORD, J. **Grammatical Variation and Divergence in Vernacular Black English.** In: Internal and External Factors in Syntactic Change, ed. M. Gerritsen and D. Stein, 175-200, 1992. Berlin: Mouton de Gruyter.

RICKFORD, J.; BALL, A.; BLAKE, R.; JACKSON, R.; MARTIN, N. **Rappin on the copula coffin:** Theoretical and methodological issues in the analysis of copula variation in African-American Vernacular English. *Language Variation and Change* 3:103-132, 1991.

SCHMITT, C.J. **Redução vocálica postônica e estrutura prosódica.** 1987. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOUZA, L.B. [fi:l] OU [fi:w]? **A produção variável da lateral pós-vocálica na aquisição do inglês por falantes do português brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

TASCA, M. **A lateral em coda silábica no Sul do Brasil.** Doutorado em Linguística Aplicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. **A preservação da lateral alveolar na coda: uma explicação possível.** Volume 35, n° 1, da Revista Letras de Hoje, PUCRS, 2000.

_____. **Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica.** Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TRASK, R. L. **A dictionary of phonetics and phonology.** London, Routledge, 1996.

WIEDEMER, M. L. **Influência das variáveis sociais sobre o uso das preposições no complemento locativo do verbo ir na fala catarinense.** Revista Gatilho (PPGL/ UFJF. Online), v. 11, p. 1-16, 2010.

Recebido em 15/02/2015 e Aceito em 02/05/2015.